

O (I)MIGRANTE, O CENTAURO

Daniel de Oliveira Gomes*

Resumo: O presente ensaio utiliza o conto “Centauro”, uma das primeiras publicações de José Saramago, constante no livro *Objeto Quase*, como suporte de um discurso sobre as diversas problemáticas e funções do imigrante. Desta maneira, “Centauro” será um método para o empreendimento de um ensaio crítico próximo às ciências sociais, onde a teoria literária entra em um campo interdisciplinar.

Resumen: El presente ensayo utiliza el cuento “Centauro”, una de las primeras publicaciones de José Saramago, incluido en *Objeto Quase*, como soporte de un discurso sobre las diversas problemáticas y funciones del inmigrante. De esta manera, “Centauro” será un método para el emprendimiento de un estudio crítico próximo a las ciencias sociales, donde la teoría literaria entra en un campo interdisciplinar.

Palavras-chave: Saramago, literatura, Centauro, imigrante, mitologia

1. Introdução

O imigrante caminha. Quem caminha carrega consigo um pedaço da história e da geografia que lhe antecede, um tanto daquilo que preexistia nos eventos vividos e paisagens anteriores e que, em sua memória, em seus hábitos, em sua linguagem, ficou mais ou menos imprimido. Estudar a produção literária provinda dos grupos de imigrantes, seus escritos ficcionais, suas narrativas, na procura de desvendar esse momento e esse lugar de tal ou qual grupo racial, cultural, social, é um trabalho que suscita perigos parecidos com os existentes em outra área de investigação dentro da etnologia: a etnografia¹. O ofício etnográfico está em estabelecer possibilidades

*Mestre em Teoria Literária - Universidade Federal de Santa Catarina.

² “No interior da etnologia, a etnografia é a pesquisa no terreno para estabelecimento de uma monografia. É a partir destas monografias que a etnologia – disciplina essencialmente comparativa – tenta elaborar sínteses. O etnógrafo pretende ser de algum modo o ‘biógrafo de uma única sociedade’. Escolhe uma sociedade de pequena dimensão, o que lhe permite a construção de um estudo exaustivo (ou, pelo menos, o mais exaustivo possível).” *Dicionário de Antropologia* (1983, p.175)

reais para um método comparativo de pequenas dimensões sociais determinadas. A preocupação do analista ou crítico literário, quando embaralhada a bel prazer com este ofício, acaba deslocando-se de sua objetividade própria, sendo não propriamente uma preocupação de análise ou crítica, conforme supõe-se, mas permanece congelada na esfera da síntese, e muitas vezes na esfera, ainda mais redutiva, da estatística.

Quando se pensa em teoria literária, outro trabalho – certamente distinto daquele que se confunde com os vícios periclitantes do ofício do etnógrafo; talvez não tão laborioso, provavelmente mais ligado à análise e crítica – surge: é o de se tentar focalizar, através de um objeto literário que também cumpra a função de método, essa figura complexa, por vezes aparentemente opaca, que é o imigrante, o estrangeiro, o forasteiro, envolto em suas estranhezas e profundidades.

Em outras palavras, outro trabalho é escolher algum material literário como suporte, alavanca de um discurso que seja antes de mais nada um discurso que chegue ao imigrante histórica e culturalmente, não de forma simples, partindo do lugar no qual ele supostamente habitaria, muito menos procure desvendar, cristalizar, sua essência. A essência do imigrante está intimamente conectada ao movimento. Não se pode afirmar qual é o lugar específico do imigrante pois é provável que ele não se encontre apenas num lugar específico.

O ensaio presente será, portanto, uma tentativa deste *outro trabalho*: usar a literatura como um método para se observar os espaços e questões do imigrante e não como uma espécie de corrente para fixá-lo com segurança, aprisioná-lo em um local determinado. Para tal objetivo, usarei como impulso um conto de José Saramago nominado *Centauro*², e tentarei, assim, amarrar um sistema de idéias que suscite questões sobre o imigrante.

2. O animalesco e o fantástico

De acordo com a mitologia grega, os centauros são seres monstruosos e brutais, metade homem, metade cavalo, com quatro patas e dois braços, moradores das montanhas³. Não é, em princípio, preciso forçar um contato entre essa figura mitológica e a imagem do imigrante. Além do seu caráter estranho, metade de uma forma, origem à qual se sente mais próximo – a humana –, e metade de outra, cuja

² SARAMAGO, José. "Centauro". In: *Objeto Quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 108-127. Esta narrativa foi publicada pela primeira vez em 1978.

³ GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário de Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix, 1989, p. 102-103.

proximidade é real e inevitável – a bestial –, ao pensar a imagem do centauro criado por José Saramago, no próprio corpo físico deste ser duplo há também a marca do caráter migratório. Essa personagem *homem-cavalo* carrega ao longo de seu pêlo branco inúmeras cicatrizes, feridas, sinais que ficaram dos eventos percorridos, dos territórios avançados, tal como o imigrante igualmente apresenta estigmas em seu organismo, na sociedade estranha que lhe observa alheio e o recobre de estereótipos, e nas características físicas de seu corpo (os olhos puxados do japonês, por exemplo), ou, ainda, as próprias cicatrizes provindas do esforço do trabalho do viajante.

Durante todo o enredo, a inferioridade de cavalo é a energia que transporta o homem e sua ascendência para paisagens diversas, os esconderijos das florestas, passagens entre rios e montanhas, caminhos e territórios inúmeros, desérticos ou humanamente habitados, e assim sendo o centauro saramaguiano é, naturalmente, um ser migrante. Nesta característica espontânea, há algo sublime que se aproxima do histórico e algo brutal que se aproxima do geográfico. Esse ser perturbado e em eterno conflito individual com sua existência, o centauro, migra no tempo através de sua vida milenar, e no espaço por meio do esforço e da animalidade de seus movimentos cavaleares. O que o perturba em sua identidade, o que o faz um ser fugitivo e noturno não é apenas o animalesco que a metade homem precisa suportar em seu corpo, mas também o fantástico. O animalesco é o que ele compreende e, mesmo compreendendo, precisa conviver; em outras palavras, o problema da *convivência* é o que o cavalo desperta. Já na esfera do fantástico o problema está situado na intimidade da própria compreensão.

O problema do migrante, igualmente, é não apenas o da convivência, enigma facilmente contornado pelos estatutos jurídico-políticos, sendo ele um eterno excluído. O que se verifica em primeiro lugar é a questão mais profunda da compreensão do que vem a “ser” um imigrante, ou mais especificamente qual é o “lugar” e “função” do imigrante no sentido social, qual nação o abriga e em quais circunstâncias. Firmando assim uma comparação entre imigrante e centauro, pode-se observar, proximamente a Sayad, que a imigração, e com ela a emigração, força a reflexão sobre a noção de nação⁴.

⁴ “Porque contradizem todas as categorias de nosso entendimento político (que é, essencialmente, um entendimento nacional), que são também as categorias constitutivas de nosso mundo social e político (i.e., de nossa ordem nacional), a imigração e com ela a emigração constituem verdadeiros desafios à ortodoxia social e política; espécie de prova em contrário ou de situação-limite, elas forçam a reflexão sobre a noção de nação. Sendo o político monopólio exclusivo do nacional – ele é inclusive sua característica distintiva por excelência –, o imigrante, como não-nacional, é dele excluído, e excluído de direito; mas o emigrante que ele também é (e que continua sendo enquanto for designado e nomeado como imigrante) é excluído de fato enquanto é um nacional ausente (ausência da nação) do político [...]” Sayad, Abdelmalek, 1998, p.226-227.

A nação do centauro saramaguiano é o seu movimento. Ele habita muitos tempos e muitos espaços mas não está em nenhum lugar, nem em si próprio. A duplicidade fantástica de seu corpo é, de certa maneira, uma metáfora das problemáticas da presença do imigrante.

3. Imigrante, um ser noturno

Há dois tempos que o conto de Saramago forja ao destino do centauro. Um tempo é o da cerimônia, em que o ser mitológico podia andar livremente à luz do sol e as pessoas o aceitavam, recobrando seu lombo de flores, homens impotentes e mulheres estéreis faziam superstições com o seu corpo estranho. Tempo em que, de *uniões sem frutos*, as pessoas levavam uma égua para o centauro e ficavam espiando suas animalidades. O outro tempo é o tempo da recusa, quando o mundo transformado em cólera persegue o centauro, e este, igualmente acompanhado das quimeras, unicórnios e lobisomens, é obrigado a fugir do dia, da claridade, tornando-se um elemento da noite.

O caso é que tanto no primeiro tempo, tempo de rituais, quanto no segundo, tempo de perseguição, o centauro é um ser noturno. Ele sempre foi um ser noturno, nunca outra coisa, mesmo quando galopava à luz do dia. Também quando tratado com cerimônia e glórias – e justamente por isto – era um ser estranho, provindo da obscuridade do seu próprio existencial. Abandonou o aparecimento de seu corpo nas relações calmas com os homens e transformou-se em um vulto desertor, debatendo-se sobre sua forma obscura, mas ainda assim não perdeu sua consistência noturna. Segundo Barthes, a noite é “todo estado que suscita no sujeito a metáfora da obscuridade (afetiva, intelectual, existencial) na qual ele se debate ou se acalma”⁵ (1991, p.152).

O tempo passa. As duas funções que o centauro de Saramago cumpre durante essa passagem do tempo são *caminhar* e *dormir*⁶. A função de caminhar se funde à daquele que migra, afinal, o centauro possui um pacto com o movimento. Mesmo

⁵ BARTHES, Roland. “Noite”. In: *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991, p.152.

⁶ “O centauro acabou por ficar sozinho. Durante milhares de anos, até onde o mar consentiu, percorreu toda a terra possível. Mas em todos os seus itinerários passava de largo sempre que pressentia as fronteiras de seu primeiro país. O tempo foi passando. Por fim, já lhe não sobrava terra para viver com segurança. Passou a dormir. Dormir e caminhar. Sem nenhuma razão que conhecesse, apenas porque tinha patas e sono. Comer, não precisava. E o sono só era necessário para que pudesse sonhar. E a água, apenas porque era a água.” Saramago, José, 1998, p. 115

quando está estático em um território, é visto como um ser do movimento, um elemento provisório. É como o imigrante, que, por mais que procure a estabilidade e a firmeza, de vários sentidos e formas, em uma determinada localidade, para os que o encontram em terra alheia, é visto como um ser em passagem, alguém que eternamente está não somente em um lugar que não é e jamais será o seu, de fato, mas em lugar nenhum.

O homem-cavalo, além da identidade com o movimento, é um ser do sono. Durante a trajetória, ele somente descansa para dormir e sonhar que está em pleno combate com Hércules⁷, figura mitológica rica em lendas de lutas contra centauros, como por exemplo o centauro Nesso, que, segundo a lenda, foi quem deu à princesa Dejanira a túnica envenenada por meio da qual se pôs fim à vida de Hércules.

Em determinada passagem de *Centauro*, o homem-cavalo, ao caminhar com hesitação durante o dia, algo que há muito deixara de fazer, transgredindo os costumes que lhe impôs o tempo de recusa, é identificado por cães e pastores. Estremecido de medo, foge sem compreender o ódio dos homens. Após este dia, o sonho de Hércules dá vez a uma ausência de sonhos; pela primeira vez em milhares de anos não mergulha no ato de sonhar, mas permanece em estado de sonambulidade. Para Blanchot, “o sonâmbulo é-nos suspeito, sendo o homem que não encontra repouso no sono. Adormecido, ele está, porém, sem lugar e, pode-se dizer, sem fé”⁸ (1987, p.267).

O centauro encontra-se, portanto, em lugar nenhum. Não somente após ingressar no estado sonâmbulo, mas antes mesmo disso. Os seus sonhos com Hércules são, antes de propriamente pesadelos, uma tentativa de encontro pacífico com sua própria identidade. Algo que somente o devaneio derivado do sonhar realizaria. Quando o centauro sonha, está simplesmente tentando firmar-se no mundo, despertar um outro sentido para si próprio: “Onde durmo, fixo-me no mundo” (1987, p.267)⁹.

⁷ “Hércules é a figura mais rica da mitologia clássica. Suas lendas constituem um ciclo inteiro, sempre em evolução, desde a época pré-helênica até o fim da idade Antiga. Era filho de Zeus e de Alcmena, a esposa de Anfitrião. Mal nasceu, Hera mandou para destruí-lo duas horríveis serpentes, que a criança agarrou, uma em cada mão, e matou-as estranguladas. [...] Outras aventuras menores se contam do herói, como a luta contra os Centauros, quando morreu incidentalmente o seu amigo Centauro Folo, a luta contra o Centauro Eurícion, a ressurreição de Alceste, que ele foi buscar no reino dos mortos; empenhou-se ainda em luta contra Cicno e seu pai Ares [...]” Guimarães, Ruth, 1989, p.171.

⁸ BLANCHOT, Maurice. “O sono, a noite”. In: *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, pp.266-267.

⁹ “Bergson, por trás do sono, via a totalidade da vida consciente, menos o esforço de concentração. O sono é, pelo contrário, a intimidade com o centro. Não estou disperso mas inteiramente reunido onde estou, nesse ponto é que a minha posição e onde o mundo, pela firmeza de meu apego, se localiza. Onde durmo fixo-me e fixo o mundo. Aí está a minha pessoa, impedida de errar, não mais instável, dispersa e distraída, mas concentrada na estreiteza desse lugar onde o mundo se recolhe, que eu afirmo e que me afirma, ponto em que ele está essencialmente estático. Aí onde durmo, a minha pessoa está somente situada aí mas é esse mesmo lugar, e o fato do sonho é esse fato de que, agora, a minha permanência é o meu ser [...]” Blanchot, Maurice, 1987, p.267-268.

O imigrante é um ser obscuro também. Não lhe basta o sonho de estabelecer-se em um lugar, o fato de erguer sua casa no novo meio-ambiente, uma residência fixa, para anular o estranhamento que causa aos grupos sociais preexistentes no território perplexo no qual ora se encontra. O homem que migra é um elemento, não raro, condenado a ser infinitamente caracterizado como estrangeiro, forasteiro, alienígena, mesmo que de sua presença construam-se novas relações entre os que habitam “antes” e “agora”, e essas relações sejam comuns a todos. Está eternamente em estado de sonambulidade, sem lugar e sem fé.

Como se constata, imigrante e centauro são criaturas, igual e imutavelmente, noturnas, invisíveis à claridade do sentido de pátria e nação, comandados pelo movimento. Tal movimento é responsável pela descoberta de novas realidades.

4. Algo positivo na obscuridade

Apesar da obscuridade noturna natural ao imigrante, existe um fator positivo que provém justamente dessa circunstância. As relações interpessoais entre o morador novo e o morador original desta ou daquela região, suas comunicabilidades e cooperações recíprocas, a troca de diferenças, enfim, acabam sobrepondo a negatividade primeira deste estranhamento.

Ao contrário do caso do centauro saramaguiano, que se finaliza degolado numa lâmina de pedra, paradoxalmente expulso de uma terra que é sua – o meio natural e mítico – mas não lhe pertence devido à não aceitação de sua excentricidade por parte dos homens que ali (sobre)vivem, o ser imigrante gera, de certa forma, algo positivo, que procede das diversas trocas de experiências e ações comunicativas imprimidas por onde passa, onde temporariamente pára, auxiliando de tal forma a produção do futuro¹⁰. A questão da transitoriedade do imigrante é, portanto, complexa,

¹⁰ Segundo Lowenthal (1975), “o passado é um outro país... Digamos que o passado é um outro lugar, ou, ainda melhor, num outro lugar. No lugar novo, o passado não está; é mister encarar o futuro: perplexidade primeiro, mas, em seguida, necessidade de orientação. Para os migrantes, a memória é inútil. Trazem consigo todo um cabedal de lembranças e experiências criado em função de outro meio, e que de pouco lhes serve para a luta cotidiana. Precisam criar uma terceira via de entendimento da cidade. Suas experiências vividas ficaram para trás e nova residência obriga a novas experiências. Trata-se de um embate entre o tempo da ação e o tempo da memória. Obrigados a esquecer, seu discurso é menos contaminado pelo passado e pela rotina. Cabe-lhes o privilégio de não utilizar de maneira pragmática e passiva o prático-inerte (vindo de outros lugares) de que são portadores [...] Ultrapassando um primeiro momento de espanto e atordoamento, o espírito alerta se refaz, reformulando a idéia de futuro a partir do entendimento novo da nova realidade que o cerca. O entorno vivido é lugar de uma troca, matriz de um processo intelectual [...] O

uma vez que ele não pertence a nenhum lugar mas contribui para o surgimento de novos espaços e novas relações entre os homens.

Há uma ligação entre imigrante e centauro. O imigrante de que se fala agora não é a força de trabalho que se decepiona na terra alheia, por ser incômoda, qual o centauro no tempo da recusa, que, inoportuno, contrastante, precisa fugir, escapando de um grupo social a fim de não ser destruído, acabando por isolar-se em suas próprias experiências. Igualmente não é o imigrante que revestido de processos ideológicos invade e coloniza manifestamente, qual no tempo da celebração, um ser glorificado, coroado e recebido com total hospitalidade, devido à sua estranheza, que chegou para apresentar esperanças a algumas enfermidades ali existentes.

Ao se encarar o imigrante como pertencente ao segundo tempo, o tempo da celebridade, em que seu corpo e sua cultura estão isolados das demais devido ao distanciamento provindo do olhar que mitifica e glorifica, temos um imigrante que não penetra de fato em outra realidade, transformando-a, mas que apenas por ela transpassa e funda a estátua de sua própria cultura implacável, em uma terra aberta. Igualmente ocorre se olharmos o imigrante como um ser preso ao primeiro tempo, o da recusa. No tempo da recusa o imigrante seria, pelos seus complexos de diferenças, alguém incapaz de penetrar também em outra realidade para transformá-la, afinal, existiria uma parede isolante, um muro intransponível entre as duas culturas, a que chega e a que ali está, e essa barreira é o olhar que condena a diferença, impede a transformação da realidade e da história.

A imagem aqui abordada daquele que migra, nem o celebrado, nem o perseguido, significa antes um centauro que chega, modifica e constrói, através de suas diferenças em contato com um espaço novo e os homens que ali estão¹¹. O imigrante, nesse sentido profundo, é alguém que modifica o espaço diferente no qual instalou seus sustentáculos, provisória ou permanentemente. Algo positivo na obscuridade.

homem busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e pouco a pouco vai substituindo a sua ignorância do entorno por um conhecimento, ainda que fragmentário [...] O novo meio ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura; e mudando o homem. Quando essa síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida.[...] Santos, Milton (1997, p.263)

¹¹ Na afirmação desta oração, a construção evolutiva dos verbos chegar, modificar e construir não designam apenas os progressos técnicos da fusão entre o trabalho do imigrante e o território novo no qual ele se encontra. Mas sim o fato de que o imigrante chega, modifica e constrói novas formas de nos olharmos uns aos outros.

Referências bibliográficas

ABDELMALEK, Sayad. “A ordem da imigração na ordem das nações”. In: *A Imigração* (ou os paradoxos da alteridade). São Paulo: Edusp, 1998.

AKOUN, André. *Dicionário de Antropologia*. São Paulo: Editorial Verbo, 1983.

BARTHES, Roland. “Noite”. In: *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.

BLANCHOT, Maurice. “O sono, a noite”. In: *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário de Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix, 1989.

SANTOS, Milton. “Os migrantes no lugar: da memória à descoberta”. In: *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARAMAGO, José. “Centauro”. In: *Objeto Quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.